

IDEAIS DE CIVILIDADE NAS PRIMERIAS PRÁTICAS ESPORTIVAS EM SALVADOR, 1890 - 1906

Henrique Sena dos Santos¹

Resumo: Este texto pretende analisar a chegada das primeiras práticas esportivas modernas em Salvador buscando captar os ideais de civilidade no desenvolvimento de atividades como o remo, críquete e principalmente o futebol. A partir de informações coletadas em jornais da época e relatos de memorialistas, o objetivo é perceber como a introdução dos esportes em Salvador pelas elites urbanas em paralelo a repressão e perseguição das práticas culturais populares estava associada à tentativa de civilização e modernização das relações sociais na capital baiana.

Palavras-chave: Esportes; Futebol; Civilidade; Salvador; Modernização

Apresentação

Em uma quarta feira de outubro de 1906, o Diário de Notícias publicava uma longa notícia emitindo sua opinião acerca da situação da cidade em relação aos divertimentos:

A nossa velha capital é o que pode se chamar uma cidade insípida, apesar das bellezas que a dotou a natureza. Sem theatros, e os dois arremedos que possui sempre fechados, a cidade do Salvador não tem um estabelecimento de diversões para esse 267 mil habitantes que lhe povoam o solo.

No entanto, nada mais fácil do que se dotar a velha cidade com um centro de divertimentos, à semelhança de outras capitães, onde o povo acha, para serenas a fadiga dos seus labores, logares aparazíveis, onde ora se escute boa música, ora assista à partidas de sports, enfim, às múltiplas diversões de que nos fallam as historia de povos civillizados.

[...] Em todas as cidades civilisadas, no paiz, ou no estrangeiro, os poderes públicos, quando não a iniciativa particular, se preocupam com estas coisas.

[...] Na Bahia, porem, ainda se morre de tédio, de aborrecimento... Não fosse o gosto pelo *sport*, actualmente tão accentuado, e aquellas partidas em que se apagavam os dignos moços em bellos combates – ainda assim num campo impróprio – e não sabemos o que seria da Bahia, cada dia mais decahiada!²

A insatisfação do articulista nos serve de ponto de partida, uma vez que apresenta um desejo das elites soteropolitanas para a sua cidade: a modernização.

Desde o final do século XIX as classes abastadas visavam inserir Salvador em um novo modelo de sociedade. Ainda naquele período as primeiras reformas urbanas se

¹ Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Email: henrisena@hotmail.com. Bolsista da FAPESB.

² Jornal *Dário de Notícias*, Salvador, 10 de outubro de 1906.



iniciaram. Contudo, foi no início do século XX, sobretudo nas administrações de José Joaquim Seabra e Francisco Góes Calmon, que Salvador passou por transformações significativas. Inspiradas em uma noção ocidental/europeia de civilização (ELIAS, 1998) principalmente através das experiências de gestão da Paris de Haussmann (WEBER), do Rio de Pereira Passos (BENCHIMOL, 1992; NEDELL 1993), além de outras cidades que estavam passando por este processo, as autoridades, intelectuais, jornalistas, médicos, sanitaristas, profissionais liberais tentaram empreender um projeto de sociedade que compreendia as reformas urbanas como construção de ruas, avenidas e praças, esgotamento e saneamento, fornecimento de eletricidade entre outras obras. Na administração de J. J. Seabra, por exemplo, foi criada a Avenida Sete, principal obra do seu governo. (LEITE, 1996) Várias ruas foram alargadas na busca por espaços mais arejados e limpos, praças foram construídas e reformadas, a exemplo do Campo Grande. Até importantes edifícios da cidade foram demolidos como a Igreja da Sé, destruída para a passagem de bondes causando grande insatisfação. (FERNANDES & GOMES, 1992) Seabra também implantou uma série de reformas visando a melhoria das condições de higiene e salubridade como a construção de rede de esgotos.

Todavia, a tentativa de inserção da Bahia na chamada *Belle Epoque* não ocorreu apenas com sua reforma física. Como salienta Marshall Berman (1896), as ideias de modernidade e modernização se fundamentam pela busca da vivência de novas sociabilidades e práticas culturais na urgência de transformação e mudança em relação a um passado recente. Nesta perspectiva, a modernidade se apresenta não só como um projeto de remodelação do espaço através de intervenções e inserções de novas tecnologias, mas principalmente pela busca por novas sensibilidades e sociabilidades, resultantes da necessidade de mudança dos padrões comportamentais e das relações sociais. Neste sentido, a remodelação do espaço necessariamente deveria vir acompanhada de novas formas de uso destes.

Para a efetividade dos novos ambientes, as elites e autoridades passaram a reprimir e perseguir sistematicamente os usos populares dos espaços. Até então os logradouros públicos eram lugares sociais privilegiados da população subalternizada. Utilizada por capoeiras, vendedores e vendedoras ambulantes, peraltas, mendigos, lavadoras, as ruas, becos, e praças, ao longo da colônia e do Império, se constituíram enquanto espaços de sociabilidade e solidariedade de negros, escravos e libertos, brancos pobres, mulheres entre outros sujeitos.

Cultivando novos costumes, as elites buscavam substituir, portanto, os grupos subalternizados e os seus usos das ruas. O *footing*, os passeios das senhorinhas no fim de tarde, passariam a substituir a vendedora de quitutes na equina ou o mendigo na calçada. Além disso, novas formas de sociabilidade passariam a ser valorizadas. Este foi o caso do cinema, dos carnavais de máscara estilo veneziano e as festas e bailes dançantes. (ALBUQUERQUE, 1999; BARREIROS, 1997) Enfim, a cidade deveria se “torna um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável.” (FONSECA, 2002: 30) Se para as elites a valorização dos novos costumes seria fundamental para a inserção baiana na modernidade, o cultivo dos esportes seria uma das principais formas para alcançar um novo ideal de sociedade.

Enfim este texto é uma tentativa de investigar a chegada das principais práticas esportivas em Salvador com destaque para o futebol. Recorrendo a algumas fontes de jornais e relatos de memorialistas, analisa-se como a chegada e desenvolvimento do futebol e outras atividades esportivas em Salvador estavam associadas à tentativa de determinados setores da elite em modernizar e civilizar a cidade, reprimindo as práticas populares. O futebol, em especial, representaria este ideal, assim como as reformas urbanas, os discursos médicos e higienistas e a vivência de novas formas de sensibilidades e sociabilidades como o cinema e o *footing*. Portanto, as atividades esportivas que chegavam à capital estavam no contexto das redefinições de lazer e diversão por parte das elites urbanas em Salvador que procuraram naquele esporte uma distinção sociorracial.

As primeiras práticas esportivas na capital baiana

Apenas no final do século XIX os esportes despontaram com maior vigor em Salvador. Foi o críquete, a primeira modalidade esportiva moderna a surgir na cidade na década de 1860. Contudo, é consenso afirmar que, de modo mais organizado, as práticas esportivas passaram a existir na Bahia por volta de 1890, revelando um relativo distanciamento temporal em relação a outras cidades brasileiras. Principalmente o Rio de Janeiro, já tinha um envolvimento mais ativo com os esportes. Na então capital brasileira, por exemplo, data de 1825 a presença de algumas modalidades como o turfe, seguido do remo. (MELO, 2001)

Embora a Bahia, em relação ao Rio de Janeiro, tenha demorado a vivenciar as atividades esportivas de modo mais sistemático e regular, devemos considerar que

anterior a este período já existiam por aqui práticas corporais. Mário Gama, memorialista dos esportes baianos afirma que:

Entre nós devem ter sempre existido desde os primeiros dias de sua independência, exercícios que visavam, não o desenvolvimento methodico e racional do corpo humano, mas a demonstração da capacidade physica de cada indivíduo. Não havia o intento, jogos de então, de um desenvolvimento physico a par do aperfeiçoamento de certas qualidades do espírito, qualidades essas, segundo a opinião de todos os autores modernos, indispensáveis à prática do Sport na sua própria significação. (GAMA, 1923: 319)

O comentário do autor indica o argumento que define historicamente o surgimento do esporte. Em seu sentido moderno, se refere a uma prática de exercício do corpo sistematizada e acompanhada de métodos racionais. (BOURDIEU, 1983; ELIAS & DUNNIG 1992) Por esta definição, percebemos como o esporte está inserido nos novos parâmetros culturais auferidos pela modernidade europeia, como a busca pelo corpo saudável. Nas sociedades modernas este deveria ser exercitado metodicamente para acompanhar o novo ritmo das cidades. Para Mônica Schpun, “a urbanização exige assim uma nova cultura física masculina e feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal próprias à cidadania que se institui nas cidades grandes.” (SCHPUN, 1997: 107) Portanto, as práticas corporais, como a cavallhada, existentes na Bahia na década de 1820, não se encaixariam na modalidade de esporte. Embora estas atividades fossem formas de lazer, não estavam preocupadas em desenvolver racionalmente o corpo.

Mário Gama e Aroldo Maia, dois dos principais memorialistas baianos que trataram sobre o tema, concordam em afirmar que os esportes chegaram por aqui através dos ingleses residentes na Bahia. Mário Gama, escrevendo em 1923, argumenta que:

(...) há 60 anos talvez, é que se começou a praticar alguma coisa que embora de longe, se assemelhava a Sport. Foram os membros da colônia inglesa na Bahia, que fizeram a introdução de um jogo, cuja disputa, para elles, tinha já o cunho de sport, - pois sendo a sua pátria o berço do sport moderno – tinham a noção exacta da significação do sport moderno. (GAMA, 1923: 319)

Ao afirmar a condição da Inglaterra de pátria do esporte moderno, Mario Gama ratifica uma característica principal dos esportes: a origem europeia, sobretudo, inglesa. O período histórico que corresponde da segunda metade do século XIX ao final da primeira guerra é marcado pelo predomínio da cultura britânica. A *pax britânica*, resultado do poder político e econômico do Reino Unido, logrou a ilha a condição de detentora de uma hegemonia cultural. Neste sentido, as práticas culturais britânicas difundiram-se pelo mundo à medida que seu poder e influência econômica chegavam a

praticamente todos os continentes e regiões muito distantes do reino. Sabemos, por exemplo, que grandes empresas, instituições, bancos, igrejas, além das famosas ferrovias se estabeleceram em vários países, inclusive no Brasil. Dessa forma, os britânicos responsáveis pelos empreendimentos fora de sua terra natal, levavam consigo suas tradições, costumes e, no nosso caso, suas formas de lazer. (GAY, 2002) Foi assim, portanto, que os esportes tiveram uma difusão mundial.

Na Bahia, o pioneirismo inglês nos esportes ocorreu através da introdução do críquete. Embora os primeiros jogos desta atividade ocorressem em 1860, apenas na década de 1890 experimentou um maior ativismo, por meio da organização de clubes, bem como uma maior regularidade na realização de partidas.³ Até então, estas aconteciam esporadicamente na Fonte do Boi, localizado no Rio Vermelho, na Quinta da Barra e no Campo Grande. A partir de 1890 passou a ser praticado de modos mais regular, culminando no surgimento dos primeiros clubes esportivos. Em 1899, é fundado o Clube Cricket Vitória; em seguida, no ano de 1902, o Club Internacional de Cricket, da colônia inglesa. A partir desses clubes, aumenta-se o número de jogos, principalmente no Campo Grande, lugar privilegiado dos jovens ricos pelo grande espaço e localização em um bairro elitizado.

O segundo esporte a despontar com maior organização fora o remo que ocorrida na península de Itapagipe, principalmente aos domingos e feriados. O próprio Clube Cricket Vitória também fora um dos pioneiros nesta modalidade, criando um departamento para o seu cultivo. Outro clube especificamente criado para o divertimento fora o Clube de Regatas Itapagipe em 1902. No mesmo ano, é fundado o Clube de Regatas e Natação São Salvador. A princípio, estes três clubes protagonizaram as principais disputas no remo, principalmente com a organização da Federação de Clubes de Regatas da Bahia, em 1904, com liderança do Vitória. Esta organização foi responsável pelos primeiros torneios esportivos realizados na Bahia que se tem notícia.⁴

O surgimento e prática das primeiras modalidades esportivas de modo mais ou menos organizado revelam a busca dos seus idealizadores por uma nova configuração em torno do lazer e divertimento em Salvador. Até então alguns setores das elites

³ O jornalista Ricardo Azevedo (2008) afirma a existência de outras práticas esportivas como o turfe e o remo. Identifica também a existência de Clube Bahiano de Remo, fundado por ingleses em 1837 com duração de quatro anos, portanto o primeiro clube esportivo da Bahia. No caso do futebol, o autor revela que antes da chegada de Zuza Ferreira tal esporte já era praticado na cidade, na Faculdade de Medicina da Bahia enquanto exercício físico por estudantes.

⁴ A ideia de torneio utilizada aqui pressupõe a organização de clubes em torno de uma federação regida por estatutos. Como não foi possível encontrar nenhum registro que comprove algum tipo de organização anterior, cabe a Federação de Regatas da Bahia o pioneirismo de uma organização esportiva.

tinham a disposição formas de lazer como os carnavais, as festas religiosas e cívicas. No entanto, quando a notícia do periódico que inicia este texto afirma que a Bahia morre de tédio por falta de divertimentos, na verdade parece existir a necessidade de cultivar certo tipo de lazer que deveria estar articulado com as sensibilidades modernas. Neste sentido, os entrudos, procissões religiosas e outras formas de entretenimento consideradas ultrapassadas/desatualizadas deveriam ser substituídas pelas diversões da moda, como o cinema, os carnavais de máscaras inspirados em Veneza, os bailes noturnos, os chás dançantes, as soirées e o *footing*. Assim sendo, a ida a península da Itapagipe para remar ou mesmo assistir nos camarotes flutuantes os jovens desportistas, um passeio dominical pelo Campo Grande para acompanhar os jogos de críquete seriam formas de entretenimento que o esporte oferecia tanto para os praticantes quanto para os espectadores.⁵ Além disso, os clubes esportivos com suas sedes sociais oportunizaram para os seus associados um espaço para sociabilidades que não se restringiam ao esporte em si. Frequentemente estas agremiações promoviam festas e celebrações de datas comemorativas. Em períodos como o natal e ano novo, os jornais sempre noticiavam grandes festejos nos quais os envolvidos bebiam e dançavam ao som de bandas.

A redefinição das formas de entretenimento também denota os anseios das elites em demarcar o seu lugar e o dos populares no novo cenário do lazer na Bahia. Para consolidar as novas formas lúdicas as elites, além de repensar seus próprios modos de entretenimento, partiram para um processo sistemático de repressão às formas de lazer populares.⁶ Consideradas perigosas e prejudiciais, as diversões populares eram perseguidas pelas elites e órgãos autoritários por contrastar com o ideal de civilidade e modernidade que estes grupos almejavam para suas experiências lúdicas. Ademais, o lazer popular era, de certo modo, marcado por uma influência africana, o que definitivamente maculava o sentido de entretenimento das elites inspirados em padrões brancos europeus.

Enfim, enquanto as práticas de lazer oriundas das classes populares eram sistematicamente perseguidas por governantes, jornalistas e intelectuais por serem consideradas perigosas e prejudiciais, (LEITE, 1996) as novas práticas modernas,

⁵ Diferente dos tempos atuais quando o esporte é entendido como uma atividade séria de alto rendimento, naquele período as práticas esportivas eram entendidas enquanto um lazer que proporcionava o desenvolvimento saudável do corpo. A partir da década de 1930 que o esporte adquiriu uma conotação mais séria, principalmente com as olimpíadas e a obsessão pelos records.

⁶ Na literatura acadêmica baiana, o processo de repressão práticas populares e negras ficou conhecido pelo termo de “desafricanização” da cultura baiana, uma expressão cunhada por Alberto Heráclito Ferreira Filho (1998-1999). Para mais informações sobre as principais práticas populares no início do século XX, ver os dois últimos capítulos da dissertação de Rinaldo Leite (1996).

esportivas ou não, eram revestidas de um processo de diferenciação de distinção sociorracial.⁷ “Com a as modernas práticas esportivas, buscava-se, para além de uma atividade física, moderna e civilizada, uma distinção social e racial.” (FONSECA, 2002: 59) Para a prática das duas atividades esportivas brevemente trabalhadas até aqui, o críquete e o remo, era necessário um alto investimento financeiro. Para a atividade náutica era preciso importar barcos, pás e maiôs. Já a realização do críquete exigia uniformes, bastões e bolas específicas encomendadas da Europa. Logo, as distinções sociorraciais nas práticas modernas são perceptíveis na tentativa das elites em se diferenciar de uma cultura popular por meio do consumo de bens culturais importados e não acessíveis para todas as camadas. (BOURDIEU, 2008) A princípio, no jogo da distinção, o futebol parecia uma prática oportuna para o distanciamento cultural das elites em relação aos populares.

A chegada do foot-ball em Salvador e o ideal de civilidade.

As primeiras experiências com o futebol em terras baianas datam dos finais do século XIX, em especial na década de 1890. Segundo o jornalista Ricardo Azevedo (2008), o futebol em Salvador já era praticado na Faculdade de Medicina por estudantes. Contudo, a partir de 1901, a atividade começa ter um nível de organização maior, surgindo os primeiros clubes futebolísticos e partidas amistosas. Tal como em outras regiões do Brasil, destacadamente Rio de Janeiro e São Paulo, (PEREIRA, 2000) a introdução do futebol na Bahia em grande parte ocorreu através de jovens que, ao voltarem dos estudos na Inglaterra, traziam consigo uma bola de futebol e um manual de regras. Aqui, o futebol teve entre os seus introdutores o jovem José Ferreira Júnior, mais conhecido como Zuza.

Após a chegada de Zuza, o futebol gradativamente começou a ser praticado entre membros das elites soteropolitanas. Advogados, médicos, estudantes de medicina, comerciantes e industriais, entre os anos de 1901 e 1905, aos poucos formaram seus clubes ou filiam-se aos já existentes, realizando as primeiras partidas amistosas. Até 1905, o futebol era pouco conhecido, sendo o críquete a modalidade que mais atraía praticantes.

⁷ A abolição logrou aos ex-escravos uma condição jurídica de igualdade. Desta forma, o período histórico correspondente a pós-abolição tratou de estabelecer novas formas de diferenciação e desigualdade entre negros e brancos. Neste sentido o processo de racialização das relações sociais no Brasil buscou hierarquizar, cultural e socialmente, negros e brancos, estabelecendo parâmetros que determinavam superioridade da cultura branca europeia em detrimento dos costumes e valores negros/africanizados. Encontramos uma contribuição para o entendimento deste processo em Wlamyra Albuquerque (2009).

Paralelamente as primeiras partidas, as elites de Salvador, entusiasmadas com o novo esporte, começaram a formar os primeiros clubes propriamente futebolísticos. Em Salvador já existiam agremiações esportivas destinadas a outras modalidades. Entre estes, destacavam-se o Vitória, fundado em 1899, praticante de remo e críquete, o São Salvador, apenas remo e o Internacional, clube da colônia inglesa, destinado o jogo do críquete. Todavia, o primeiro clube fundado exclusivamente para a prática do futebol fora o Sport Club Bahiano em 1903 que contribuiu para intensificar a prática do futebol pela cidade.

A imprensa e o comércio também contribuíram para a difusão do esporte. De acordo com Aroldo Maia, a edição de quarta-feira do *Diário de Notícias* de 31 de outubro de 1903 rapidamente se esgotou. O motivo: divulgaram na primeira página as regras sobre o futebol.⁸ Meses depois, em 23 de dezembro, a loja Pinto Moreira anunciava nos jornais que as meias para a prática do esporte já tinham chegado da Europa. Assim, como a edição do jornal que divulgou as regras de futebol, “as meias da Pinto Moreira esgotaram-se rapidamente.” (MAIA, 1944: 10)

Por estes indícios podemos afirmar que a origem do futebol em Salvador é notadamente elitizada. O perfil social dos clubes e jogadores indica que, ao menos nos primeiros anos, os seus principais praticantes pertenciam aos segmentos mais abastados da sociedade soteropolitana. Zuza Ferreira, jogador do São Salvador era filho de um grande banqueiro do Bristh Bank. Por sua vez, o Vitória tinha como principais incentivadores, Juvenal e Álvaro Tarquínio, membros da família Tarquínio, além de alguns filhos da família Martins Catharino. Ambas as famílias possuíam as principais industriais da cidade.⁹ Por fim, a própria origem dos ingleses do Internacional revela a sua distinção social: eram donos de grandes casas comerciais ou empregados em bancos.¹⁰

Com os clubes realizando vários amistosos, entre 1901 e 1904, o próximo passo foi a organização de um campeonato de futebol. A criação de um torneio parecia fundamental para os praticantes, mais jogos seriam realizados oferecendo a oportunidade de torcedores, jogadores, imprensa e outros envolvidos no universo futebolístico ampliarem o espaço das novas sociabilidades. A partida, para além do jogo

⁸ Infelizmente não localizamos o jornal contendo tais regras. Esta informação é baseada no relato de Aroldo Maia no *Almanaque Esportivo da Bahia*.

⁹ A família Tarquínio fundou a Empório Industrial do Norte grande indústria do ramo de tecidos. Já a família Catharino foi dona da Cia Progresso Industrial e União Fabril da Bahia, uma das maiores empresas do ramo têxtil.

¹⁰ Embora analisando os aspectos religiosos, Elizete da Silva (1998) elabora um perfil social acerca dos ingleses residentes na Bahia naquele período.

propriamente dito, era um momento de colocar o papo em dia, do *flirt*, da paquera, das conversas sobre a moda e as novidades da cidade. A ideia de criação de um torneio foi do São Paulo, clube formado por paulistas estudantes de medicina que, em conjunto com o Bahiano, o Vitória e o Internacional fundaram, no dia 15 de novembro de 1904, a primeira liga de futebol da Bahia.

O local onde ocorreriam os embates seria o Campo da Pólvora. Localizado no distrito de Nazaré o campo foi ligeiramente reformado, cercado e nivelado. A sua escolha deveu-se também pela sua ótima localização em decorrência da facilidade de se chegar naquele lugar. Praticamente todas as linhas de bonde passavam por aquela região. Sem a existência de arquibancadas o primeiro campeonato contou com o empréstimo de cadeiras por um circo que estava na cidade para a acomodação das famílias dos jogadores e demais autoridades.

Todas as partidas eram realizadas aos domingos. Fora este dia, os treinos dos times ocorriam nas quintas-feiras pela manhã. O fato dos jogos serem nos finais de semana possibilitou o surgimento de uma considerável assistência de populares e principalmente as classes médias e altas. Para estes setores, o futebol acabou se tornando uma das principais formas de diversão naquele momento, justamente pelo esporte está em consonância com as sensibilidades modernas e civilizadas. Uma evidência da grande presença das elites na apreciação das partidas são as notas nos jornais informando a disponibilidade de cadeiras para as famílias interessadas em assistir aos jogos. No domingo que envolveu a disputa entre Vitória e Bahiano no primeiro campeonato o Jornal *Diário da Bahia* informou a “disponibilidade de 100 cadeiras para as famílias.”¹¹

A própria imprensa fazia entender as tardes futebolísticas de domingo enquanto uma prática que estava efetivamente civilizando os costumes e as diversões dos soteropolitanos. Já nas primeiras partidas da competição, os jornais louvavam a iniciativa da criação de um torneio que seria benéfico para evolução da cidade. Principalmente o jornal *Gazeta do Povo*, não só no primeiro torneio, como nos subsequentes, tecia elogios aos *foot-bollares*. Nos antecedentes de uma partida do segundo torneio, em 1906, relatou que “uma salva de palmas ouviu-se, numa saudação aos bravos rapazes que, com o desenvolvimento do sport entre nós, concorrem também para a civilização dos nossos costumes.”¹² O jornal ainda finalizava a crônica enviando congratulações aos clubes uma vez que entendia que o “movimento de sport é a mais

¹¹ Jornal *Diário da Bahia*, Salvador, 30 de abril de 1905.

¹² Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 23 de julho de 1906.

salutar, útil e civilizadora das diversões”.¹³ Para além dos clubes as sociabilidades modernas deveriam se irradiar pela cidade em um claro esforço de civilização dos modos soteropolitanos.

O caráter moderno e salutar endossado pela imprensa é constatado no repertório comportamental que envolve a partida, no seu início, intervalo e fim. Todos os jogos eram antecidos por uma banda de música que distraia torcedores e jogadores. No penúltimo jogo do campeonato de 1905 entre Internacional e São Salvador, o *Diário de Notícias* informou que “no intervalo que foi de 18 minutos precisamente, a Banda do 2º Corpo Policial deliciou os presentes com variados números de seu repertório vastíssimo”¹⁴ A presença de uma banda era fundamental, pois no momento da execução de suas músicas, as famílias e jogadores poderiam conversar, flertar e se sociabilizar. Como não existiam vestiários e as cadeiras eram próximas do campo, no intervalo, os jogadores aproveitavam para um possível *flirt* com torcedoras interessadas e conversar com seus familiares. (AZEVEDO, 1986)

Um segundo aspecto que chama atenção no rito comportamental de uma partida era a presença feminina nos jogos. Segundo os jornais, sua presença era marcante e abrilhantava os confrontos. Na primeira partida da segunda edição do torneio entre São Salvador e Vitória o *Diário de Notícias* “destacava que o campo estava repleto de apreciadores ente o quae distinguiam-se ostentando elegantes toilettes das cores simbolicas dos clubs contendores as gentis senhoritas do escol de nossa sociedade, adeptas entusiastas do *foot-ball*.”¹⁵ Para a sociedade futebolística daquele período a presença do “belo sexo” parecia ser tão importante que segundo Aroldo Maia:

Na sessão do Conselho Municipal de 11 de maio de 1906, o edil Antonio Machado, apresentou um projeto concedendo a Liga Bahiana de Esportes Terrestres 5:000\$00 para a mesma construir no Campo dos Martyres uma ARQUIBANCADA pois não era possível que o belo sexo continuasse debaixo de sol e chuva assistindo a jogos de futebol. (MAIA, 1944: 15)

Um terceiro aspecto que compreende o comportamento civilizado da torcida e jogadores relaciona-se com o modo de frequentar o ambiente e torcer pelo seu clube predileto. Além de o público feminino ir trajado de roupas finas, os homens vestiam as suas melhores roupas, frequentando aos jogos de termo, gravata e chapéu. Já a forma de torcer deveria ser educada. A própria origem do nome “torcer” remete a educação no entusiasmo pelos clubes. Não podendo proferir palavras obscenas ou gritos

¹³ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 23 de julho de 1906.

¹⁴ Jornal *Diário de notícias*, Salvador, 28 de agosto de 1905.

¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de maio de 1906.

constrangedores, as mulheres literalmente torciam um lenço como forma de dissipar a tensão decorrente dos duelos.

Enfim, o ideal que se pretendia passar era que o futebol, como o cinema ou uma peça teatral era um espetáculo que deveria seguir um padrão de comportamento alto. A banda, as roupas, o modo de torcer encerram um conjunto de aspectos que buscavam celebrar a civilidade que gravitava em torno do futebol. Na partida entre Vitória e Internacional em 1906 o *Gazeta do Povo* parece resumir toda a pompa que envolvia um evento futebolístico:

Prenuncio da animação e brilhantismo notáveis do interessante torneio sportivo de hontem, desde cêdo, o vasto campo do Martyres, exceptuada a area limitada á acção dos foot-ballers começou a regorgitar de espectadores, numa concorrência de escól, em cujo seio enxameavam em formosíssimo destaque, mercê de trajes leves e multicôres exmas senhoras e garrulhas creanças, engalanadas todas com os respectivos distinctivos dos clubs de que são adeptas.

Ainda como uma nota de elegante e sumptuosa, posta em relevo em meio ás rutilancias da festa, via-se, a um lado do campo, á guisa de achibancadas, uma fileira de carruagens, de onde bizarramente se ostentavam distinctíssimas famílias, no torneio certamente interessadas, ardendo em desejos de ve-lo logo travado e quiçá prontamente decidido¹⁶.

Embora no desenrolar da crônica o jornal narre os aspectos propriamente ditos do jogo, as faltas, escanteios e gols, a preocupação maior do artigo está voltada para os aspectos estéticos. Em algumas crônicas, os elementos como a beleza da torcida, as cores dos vestidos das mulheres, o repertório musical da banda têm mais importância do que a partida e os seus lances técnicos. Na considerada principal partida do campeonato de 1905 entre Vitória e São Salvador é possível ver a preferência do periódico em narrar a estética em detrimento da técnica do jogo:

Das festas esportivas que se tem realizado nesta capital onde um punhado de moços vai fazendo renascer o gosto por essas diversões, tão útil ao desenvolvimento phisico quanto agradável aos centros civilizados, nenhuma tão anunciada e entusiástica como a quarta partida de football do campeonato de 1905, hontem realisada no Campo dos Martyres destinado actualmente par isso.

O dia amanheceu sob um céu sem nuvens e a tarde igualmente bella convidada áquela festa chic que teve para seu maior realce a presença numerosa e escolhida de mais de 300 Senhoras trajando quasi todas toilettes leves, e das cores mais variadas. As extensas filas de cadeiras postas a sombra foram logo cedo ocupadas e que imprimiu a nota destacando o Campo dos Martyres.

Os bondes do ramal de Nazareth se bem que em número insufficiente conduziram inúmeras pessoas e pode-se dizer que todos os lados da grande praça estavam repletos de espectadores e entusiastas dos dois clubs que iam medir forças no anunciado campeonato.

¹⁶ Jornal *Gazeta do povo*, Salvador, 11 de junho de 1906.

Além disso, os cavalheiros e famílias a carro aumentavam o aspecto festivo do campo, onde a hora inicial compareceram os dois adversários.¹⁷

Nesta crônica podemos averiguar, a princípio, o detalhismo do cronista em relatar minuciosamente a condição do tempo no dia, a quantidade e a forma como as senhoras e senhoritas estavam vestidas e finalmente até o modo como as pessoas se deslocaram para a praça esportiva. O relato minucioso das crônicas das partidas torna-se um elemento fundamental uma vez que legitima a qualidade civilizada do futebol. Quanto mais detalhes sobre os vestidos, o céu irradiado ou a quantidade de carruagens ao redor do campo eram narrados, mais pomposo o jogo se apresentava.

O desequilíbrio entre os aspectos estéticos e técnicos do jogo parece existir também entre próprios jogadores. Além da educação dos torcedores, as partidas eram caracterizadas pelo extremo respeito entre os contendores. Ainda não existiam competitividades que de alguma forma manchassem a civilidade dos jogos. Lances mais agressivos eram imediatamente desculpados. Existia até mesmo um bordão quando um jogador cometia uma falta: *Sorry* (RODRIGUES FILHO, 1947). O que parecia realmente importar para os jogadores era o cultivo do jogo levando em conta as sensibilidades modernas como o respeito e confraternização. O fato mais comum após o término da partida era a ida ao famoso bar Sul Americano onde os jogadores, vencedores e vencidos, além da torcida confraternizavam-se regados a champanhe. Na partida citada acima que segundo Aroldo Maia (1944: 10) teve a assistência de 10.000 pessoas um jornal citava os seus desdobramentos:

Assim terminou a partida que foi a mais disputada e concorrida da primeira estação com a vitória do Club S. Salvador que colheu novas manifestações explodidas numa alegria comunicativa e demorada tão grande foi o entusiasmo reinante que de momento se organizou numeroso prestio.

As seis e meia desfilava este caminhado até o Sul Americano tendo à frente a Música da Polícia, o *team* do S. Salvador, famílias, adeptos do club vencedor, sócios de outros *clubs* congêneres, grande massa popular em entusiástica passeata.

No Sul americano foi servido champanhe e oferecido pelo capitão do team S. Salvador, sr. Arthur Morais, sendo erguidas saudações ao S. Salvador, ao Vitória, ao clube de regatas Itapagipe e a Liga Bahiana de Desportos Terrestres e a Federação dos Clubs de Regatas.

Pela festa de horem felicitamos a mocidade esportiva da Bahia e damos parabéns aos vencedores do esplendido *match*.¹⁸

Observem que uma das preocupações da crônica era narrar principalmente a confraternização tanto dos vencedores quanto dos perdedores, o que parece revelar a inexistência de rivalidades acirradas na competição.

¹⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1906.

¹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1906.

Considerações Finais

Enfim, o que podemos concluir sobre estes aspectos iniciais dos esportes em especial do futebol baiano? Todo este modo de ser, sentir e representar das elites baianas em torno dos esportes, destacando o futebol, resultou na formação de uma cultura esportiva moderna em Salvador. O jeito *chic* de frequentar os jogos e as regatas, a banda que animava a torcida, os camarotes flutuantes pomposo que acompanhavam o remo, passando pelas meias, uniformes, bolas, canoas e pás importados da Inglaterra, o consumo desenfreado de guias e manuais de futebol e remo e chegando a formação dos clubes e da Liga com seus estatutos, caracterizam uma forma desta cultura esportiva ser e representar no cenário soteropolitano. Neste sentido, é possível afirmar a existência de um *habitus* (BOURDIEU, 1992) esportivo que definia cultural e simbolicamente a forma como as elites vivenciavam os esportes.

Seguindo a conceituação de Roger Chartier (1990) A representação sociocultural almejada pelos desportistas baianos era vivenciar os esportes como uma prática civilizada, que contribuiria para o progresso e desenvolvimento da Bahia.

Aquela, por sua vez, está condicionada ao lugar social e cultural de onde este discurso é produzido: as elites baianas inspiradas em modelos socioculturais de comportamento burguês/europeu. A cultura esportiva moderna soteropolitana está, então, no contexto das transformações sociais e culturais atribuídas à modernidade. Além de estar no seio destas transformações, o modo das elites vivenciarem especialmente o futebol também tinha como prioridade a distinção e separação das representações que os populares começavam a ter sobre aquele esporte. No caso do futebol, em termos cronológicos, o predomínio de uma cultura moderna nesta prática perdura até meados na década de 1930, quando sofrerá mudanças substanciais, com o surgimento do profissionalismo no futebol baiano.

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia*. Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999,

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008.

AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga: aproximações sócio-culturais*. São Paulo: Ática, 1986.

BARREIROS, Márcia da Silva. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*, Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997.

BENCHIMOL, Jamie. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zuk, São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?". In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. "Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna". In FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. *Cidade & História*. Salvador, UFBA/Fac. de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. "Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador, 1890-1937". *Afro- Ásia*, nº - 21, pp. 239-256, 1998 -1999.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *"Fazendo fita": cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 -1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.

GAMA, Mario. Como os "sports" se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média, 1815 – 1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996

MELO, Victor Andrade de. *Cidade "Sportiva"*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

NEDELL, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997, p. 107.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. Tese (Doutorado em História). São Paulo. FFLCH-USP. 1998.

WEBER, Eugene. *França fin-de-siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.